

UMA METÁFORA DA EXPERIÊNCIA PUBERAL: *RED: CRESCER É UMA FERA* A metaphor of the pubertal experience: *Turning Red*

MARIA CRISTINA BRESSANI¹

RESUMO: Este exercício teórico-prático busca lançar um olhar sobre os desafios e ansiedades principais da experiência puberal, refletindo sobre algumas especificidades e complexidades dessa etapa inaugural da adolescência. Muitas vezes, as angústias enfrentadas pelo indivíduo nessa fase em que os fenômenos corporais assumem um protagonismo são minimizadas, e essa etapa do desenvolvimento acaba sendo considerada predominantemente biológica, ficando esquecida, como se não houvesse uma ponte, um entre, nesse importante trajeto a ser percorrido na transição da latência para a adolescência propriamente dita. Buscando fazer uma descrição do desenvolvimento típico nessa fase do desenvolvimento, foi escolhido o filme *Red: crescer é uma fera* como uma interessante metáfora da experiência puberal. Para a elaboração deste artigo, foram revisados e consultados autores psicanalíticos que se dedicaram a estudar o fenômeno adolescente.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Puberdade; Desenvolvimento.

ABSTRACT: This theoretical-practical exercise seeks to take a look at the main challenges and anxieties of the pubertal experience, reflecting on some specificities and complexities of this inaugural stage of adolescence. Often, the anguish faced by the individual at this stage in which bodily phenomena take on a leading role is minimized and this stage of development ends up being considered predominantly biological, being forgotten, as if there were no bridge between an important path to be followed in life the transition from latency to adolescence proper. Seeking to describe the typical development at this stage of development, the film *Turning Red* is an interesting metaphor for the pubertal experience. For the elaboration of this essay, psychoanalytical authors who dedicated themselves to studying the adolescent phenomenon were reviewed and consulted.

KEYWORDS: Adolescence; Puberty; Development.

¹ Psicóloga, Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (PUCRS), Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS) e membro do CEAPIA

Uma breve introdução

Viver as emoções é uma das maiores dificuldades da nossa espécie em virtude de uma deficiência no nosso desenvolvimento mental. Para que as emoções possam ser vividas é necessário um intenso trabalho prévio que pressupõe a integridade de alguns aparatos para torná-las passíveis de serem assimiladas, administradas, contidas. (Ferro, 2011, p. 13)

A ideia deste artigo nasceu a partir de um convite do CEAPIA para participar da atividade Ciranda Cultural, baseada no filme de animação *Red: crescer é uma fera* (Shi, 2022). Inspirado pela temática abordada, o presente artigo não pretende teorizar ou interpretar essa obra de animação, mas tem como principal objetivo refletir como esse filme pode nos ajudar a compreender e identificar comportamentos e sentimentos típicos da puberdade, bem como algumas tarefas da adolescência.

O filme nos retrata de uma forma muito sensível e bem-humorada alguns recortes da experiência de entrada na puberdade/adolescência da personagem Mei Lin Lee, ou Mei Mei, como é carinhosamente chamada, no auge de seus 13 anos. *Turning Red* é uma animação da Disney Pixar, lançada em 2022, feita (predominantemente) por mulheres, e retrata questões do desenvolvimento feminino na entrada da adolescência. Traz como referência uma personagem principal púbere, fora do papel de princesa ou heroína, que se mostra humana, atrapalhada, falível, forte, capaz, construindo a alteridade. A animação aborda questões diversas e ricas, que vão muito além da adolescência, mas este artigo pretende se dedicar ao seguinte recorte: um olhar para a adolescência inicial.

Associando ideias e teorias: um encontro entre a psicanálise e o panda vermelho

Que tal começarmos falando sobre o impactante *panda vermelho*, que é o título dessa obra? Será que podemos pensar numa espécie de representação pictográfica da experiência puberal? Parece que sim. O filme se dedica a narrar a inominável vivência da menina púbere que repentinamente se percebe grande, peluda, fedorenta, desastrada, menstruada, vermelha, assustada, com humor flutuante e emoções à flor da pele (paixões, irritabilidade, intensidade, instabilidade), com seus caracteres sexuais evidenciados e seu corpo denunciando uma transformação que a criança nessa idade nem sempre se sente preparada para assumir e/ou transitar.

Encontramos na clínica e na “vida” algumas experiências de travessia para a puberdade/adolescência com tons mais suaves, mas normalmente (e porque não dizer, na maioria dos casos) essa fase é vivenciada como algo incontrolável, estranho, externo, impactante, que se impõe sem pedir licença. Diversos autores (Aberastury & Knobel, 1986; Cahn, 1999; Jeammet, 2007; Ungar, 2009; Nasio,

2011; Outeiral, 2012; Levy, 2022) nomeiam e diferenciam puberdade enquanto um evento biológico, que inaugura a entrada na adolescência propriamente dita, que pode ser definida como um fenômeno complexo, envolvendo fatores biológicos, sociais, culturais, ambientais e da personalidade de cada indivíduo.

Para Kancyper (2019), a adolescência, em sua complexidade, poderia ser compreendida como uma etapa de ressignificação retroativa por excelência. Para esse autor, “aquilo que silencia na infância costuma manifestar-se aos gritos durante a adolescência” (p. 210). Ele descreve o fenômeno adolescente como uma fase da vida em que se contrapõem múltiplas forças dentro de um campo dinâmico. Estão em pauta, de maneira intensa, movimentos paradoxais do narcisismo nas dimensões intrasubjetiva e intersubjetiva e as relações de domínio entre pais e filhos e, também, entre irmãos.

Segundo esse mesmo autor (Kancyper, 2019), o período da adolescência seria, ao mesmo tempo, um importante ponto de partida (no sentido de que possibilita a abertura para novas significações, ganhos, aquisições e reordenamentos simbólicos) e também um ponto de chegada das inscrições e traumas experimentados durante a infância. Nesse processo de ressignificação da história infantil no adolescente, o indivíduo vivencia lutos e ansiedades, vive o desafio da admissão da alteridade e da (re)construção da identidade própria, mas também envolve o reconhecimento da semelhança. Para tanto, os adolescentes e suas famílias se veem diante do necessário e indispensável confronto geracional e fraterno.

De acordo com as ideias de Levy (2022), o processo adolescente envolve uma reconstrução das representações do *self* e dos objetos, necessária ao reordenamento simbólico, nova configuração subjetiva do sujeito. No terreno do narcisismo normal, deverá criar representações dos objetos que lhe sirvam de referência e assim estruturar sua personalidade. “Quando as imagens de si estiverem muito dissociadas, as angústias demasiadamente intensas ou quando as imagens objetais forem muito perturbadoras, carregadas de ódio ou outras emoções perturbadoras esse processo será comprometido” (p. 335).

Para que seja possível cumprir as principais tarefas dessa fase – (re)definição da identidade, encontro genital exogâmico, escolha vocacional (mais além dos mandatos parentais) e recomposição dos vínculos sociais e econômicos –, um longo caminho precisa ser percorrido. A etapa inaugural que denuncia a entrada nessa nova dimensão do processo de desenvolvimento e (re)subjetivação são as transformações da puberdade.

As transformações corporais incontornáveis e os imperativos do mundo externo exigem do púbere novas pautas de convivência: são vividas em um primeiro momento como uma invasão. As transformações do corpo são percebidas com surpresa e assombro em um primeiro momento. Diante das mudanças da puberdade, a criança enfrenta uma espécie de crise de reconhecimento. Nas palavras de Aberastury e Knobel (1986), quando o adolescente começa a se sentir cômodo no seu próprio corpo e quando começa a saber onde vai, tem a

certeza de começar a ser reconhecido em seu meio, adquire certa consciência tranquila desse crescimento e diminui a intensidade das defesas contra a ansiedade. De acordo com esses autores (1986), a adolescência é um dos momentos decisivos na vida do indivíduo e na relação com o mundo circundante, podendo ser comparado ao nascimento, à bipedestação, ao caminhar, à aquisição da linguagem. Esses fenômenos impõem a ruptura com uma identidade construída e a conquista de uma nova, por meio de uma nova forma de conexão com os objetos. Essas mudanças típicas da fase colocam o indivíduo diante dos três lutos fundamentais para a elaboração dessa etapa: perda não apenas do corpo, perda de sua identidade infantil e perda dos pais da infância. Esse longo, doloroso e complexo processo de elaboração tem importante impacto na esfera do pensamento e do comportamento adolescente.

A vivência do luto pelo corpo infantil pode ser comparada a uma experiência de despersonalização. Acompanhamos na clínica que a etapa da puberdade, muitas vezes, é um dos momentos mais delicados, solitários e, por que não dizer, complicados do desenvolvimento. As mudanças se dão de forma repentina, impositiva. O corpo se transforma sem pedir licença. As formas, os contornos, “simplesmente” mudam. Aryan (2005) nomeia esse fenômeno como *experiência somatopsíquica puberal* e afirma que a cura do púbere possibilita a entrada na neurose adolescente. Afirma também que, junto com separar-se do corpo infantil e fazer o luto por ele, o púbere deve suportar o encontro com um corpo novo, duas operações que, por serem divergentes e concomitantes, fazem com que a experiência puberal seja extremamente confusa, estranha e caótica, e apresente muitas dificuldades para a sua abordagem, na forma das neuroses atuais. Desse modo, transpor a *experiência puberal somatopsíquica* resulta imprescindível para que se instale um processo propriamente adolescente (Aryan, 2005).

Para Urribarri (1999), as modificações corporais da puberdade constituem uma situação potencialmente traumática, com fortes raízes narcísicas, que exigem um longo e intenso trabalho psíquico no que diz respeito não apenas às características externas e capacidades funcionais do corpo e suas transformações progressivas, mas também em relação às suas sensações e afetos concomitantes, às representações, à modificação do esquema corporal, à genitalização, ao aumento da força impulsiva e às expectativas relacionais em face da forma como é visto e valorizado pelos pares e adultos.

Nas palavras do autor (Urribarri, 1999), ao contrário do crescimento infantil, que, após o primeiro ano, é uniforme, harmonioso e lento (como a ampliação de uma fotografia), a mudança puberal é desarmônica. Algumas partes são modificadas enquanto outras permanecem as mesmas, criando sensações de mudança caótica que alteram o sentimento de identidade. O púbere se sente uma espécie de caricatura. As características sexuais primárias se desenvolvem e as secundárias emergem. Novas formas, sensações e excitações, embora esperadas, desajustam-no. Ele olha e é olhado de forma diferente, mas se mantém relativamente inconsciente de sua autoimagem anterior. No nível metapsicológico,

ele deve realizar um trabalho profundo e árduo de registro e reinscrição de seu corpo, por causa das modificações impostas a ele.

Segundo Jeammet (2002), o corpo é um elemento essencial da identidade e a questão da relação com o corpo está no centro das dificuldades da adolescência. Para esse autor, enrubescer é uma das manifestações típicas da puberdade e aparece especificamente nesse período. O panda vermelho metaforiza também essa experiência de “traição do corpo”, que revela ao mundo externo a perda do controle das emoções e denuncia pensamentos e desejos do mundo interior. O enrubescimento do púbere expõe ao olhar do outro sua intimidade corporal, numa fase em que seu incômodo, por ser visto, é diretamente proporcional ao seu desejo de ser olhado.

Além das muitas outras leituras que podemos fazer da figura do Panda relacionada às transformações corporais, também podemos pensar nos desdobramentos da relação mãe-filha na entrada na adolescência. A “irrupção” do panda vermelho denuncia uma típica mudança na relação com a mãe “imposta” pela puberdade. Até então, no início do filme, observa-se uma doce e fusionada relação, calcada em uma dualidade tácita no comportamento de Mei Mei e sua mãe: existe um companheirismo simbiótico, presente sobretudo em momentos cotidianos, como fazer pãezinhos enquanto comentam a novela, limpar e cuidar do templo, realizar orações e rituais juntas, aparentemente obedecer à mãe, investir no estudo, tirar boas notas da escola. Ao mesmo tempo que existe um conflito silencioso e inevitável, que aparece nos ambientes escolares, no relacionamento com as amigas e no encanto pela banda proibida, configurando uma submissão aparente *versus* uma rebeldia extramuros, vai se desenhando a complexa interação mãe-filha e também a relação de Mei Lin consigo mesma. A alternativa encontrada pela menina, em um primeiro momento, é uma vida dupla – dentro e fora de casa, fato este que nos faz pensar em termos de aproximações e risco de cisão entre o verdadeiro e o falso *self* (Winnicott, 1982). Esta sutil fronteira entre a chamada “síndrome normal da adolescência” (Aberastury & Knobel 1986) e a instauração de quadros mais graves, algumas vezes, dificultam o manejo, a avaliação, a abordagem e o tratamento de pacientes nessa fase do desenvolvimento.

Nasio (2011) sugere que o período entre os 12 e os 16 anos é o momento de maior risco de crise para os jovens e faz um *panorama das manifestações do sofrimento inconsciente do adolescente contemporâneo*. Segundo o autor, essas manifestações se apresentam diversamente de acordo com o grau de intensidade de sofrimento do adolescente: moderado (crise de crescimento), intenso (comportamentos perigosos) e extremo (distúrbios mentais). O autor diferencia o conceito de “crise da adolescência” da concepção de “adolescente em crise aguda”, afirmando que a adolescência envolve uma crise salutar de crescimento, e os critérios para identificar um adolescente em crise aguda envolvem avaliar amplitude e repercussões das limitações, bem como o grau de sofrimento desse jovem. Mesmo os adolescentes mais saudáveis são imprevisíveis, instá-

veis e contraditórios, e o impacto dessas oscilações no ambiente complicam a dinâmica dos relacionamentos. Algumas vezes os adultos responsáveis se veem tão angustiados perante os desafios apresentados pelo jovem entrando na adolescência, oscilando entre sentimentos e comportamentos de tristeza, angústia e revolta, que têm dificuldade de acolher, identificar, enfrentar e, principalmente, lidar com o momento de crise, perdendo a chance de ajudar o jovem de maneira adequada.

Voltamos, então, à figura da mãe que, com sua atitude de superproteção e indiferenciação, guardiã do templo e do segredo familiar e com atitudes intrusivas, vai ativando um comportamento reativo na filha. Vemos uma mãe profundamente assombrada pela sua própria experiência adolescente quando confrontada com aquele fantasma muito familiar vivido como distante, que retorna com a adolescência da filha.

Observar a relação de Ming Lee com a filha nos remete à expressão do narcisismo parental descrita por Freud (1914). A mãe não consegue olhar para Mei Lin como um outro, mas sim como uma extensão idealizada de si, perfeita e infalível; a mãe verbaliza seus desejos e projetos grandiosos em relação à filha: "... hoje a melhor aluna, amanhã secretária da ONU", que realiza(rá) seus antigos sonhos e precisa(rá) dar conta de todas as expectativas construídas para "Vossa majestade: o bebê" (Freud, 1914).

Desde o princípio do filme, quando Mei Mei se apresenta, já podemos compreender um pouco sobre o tom das relações e o peso da tradição na família Lee. A menina verbaliza que: amor significa "fazer tudo o que os pais querem" e "consumir quantidades absurdas de comida". A respeito das questões culturais, Domee Shi (roteirista e diretora do filme) afirma o caráter autobiográfico da obra e descreve em uma entrevista (2018) que em sua cultura (chinesa) "comida e família andam de mãos dadas. Quando você quer dizer pra alguém que gosta dela, você não diz amo você, apenas pergunta, 'você já comeu? Está tão magrinho'". Nesse clima de amor fusional e primitivo, Mei Lin, nossa protagonista, afirma determinadamente em seu discurso: "Eu faço minhas escolhas, mas algumas escolhas também são as dela" (referindo-se à mãe). Em um determinado momento, as melhores amigas de Mei Mei (Miryam, Pria e Abby) afirmam estarem impressionadas com as atitudes e os pensamentos da menina: "Ela sofreu lavagem cerebral!".

Manter abafado o segredo de San Ye, a guardiã dos pandas vermelhos, também era uma expectativa da família em relação a Mei Lin. Ela sabia meias verdades sobre a história familiar, revelando um histórico de segredos transgeracionais que mereceriam um estudo específico sobre o tema, reflexão que renderia um outro artigo e não teremos a oportunidade de nos dedicar aqui.

Mas o Panda Vermelho também pode ser compreendido como o representante do "estranho" (Freud, 1919), o "infamiliar", aquele que denuncia... o estranhamento com o filho também é o estranhamento com a própria imagem. A perda do corpo infantil e o ganho de um corpo, que pode ser uma das fases mais

belas, também são impactantes tanto para o adolescente quanto para os pais. O casal Diana e Mário Corso (1997) afirma, em um de seus artigos sobre adolescência, que, quer os pais considerem o filho algo monstruosamente diferente ou colocando-se enquanto semelhantes, o resultado é a solidão do adolescente, evidenciando a necessidade de (re)historicizar esses sujeitos para que possam voltar a se reconhecer.

Inspirados pelas ideias de importantes autores psicanalíticos como Winnicott (1988), Aulagnier (1979), entre outros, podemos pensar na intrusividade daquela mãe amedrontada, no desejo materno de que nada mude, no desconhecimento da alteridade da filha, que é incapaz de identificar ou sequer de reconhecer o crescimento da menina, pois não consegue transitar por algo que foi traumático para ela e para as demais mulheres da família, assim como acontece em tantas outras famílias que habitam este mundo.

A reação de Ming (mãe) quando percebe que a filha ficou menstruada foi intensa: “Isso não está acontecendo, não é possível, como? A peônia vermelha floresceu? Mas é muito cedo”. Estranhamento, susto, choque; assim como as reações quando encontra os desenhos apaixonados da menina e age disruptivamente. Quando Mei Lin, perdida entre tantas mudanças, em sua própria história e em seus sentimentos, pergunta para a mãe: “Por que você não me orientou?”, ela responde: “Achei que tinha tempo, você é uma criança, achei que se vigiasse você veria os sinais e poderia me preparar”, e adverte (muito assustada) sua filha: “Quanto mais você liberar o panda, mais difícil será o ritual” (de banir o panda/prender o panda no amuleto/desativar o panda). Presas aos segredos alienantes, mãe e filha se veem impedidas de ressignificar a história. A impossibilidade de historiar o passado dificulta a possibilidade de abrir espaço para o novo.

Segundo Kancyper (2019), a ressignificação do traumático acontece durante todas as etapas da vida, mas culmina fundamentalmente na adolescência, etapa caracterizada predominantemente pela presença do caos e de crises inevitáveis. Principalmente porque nessa fase do desenvolvimento “ocorre a ressignificação do não significado e traumático de etapas anteriores à remoção das identificações, para que se alcance o reordenamento identificatório e a confirmação da identidade” (p. 231).

Mas para Mei Mei, o panda vai além do lado sombrio visto pela mãe, de partes de si mesma que dão medo. Nessa jornada do amadurecimento, longe de casa, nossa protagonista aprende a brincar com seu novo corpo e com as possibilidades criativas e lúdicas que sua nova condição lhe oferece. Permite-se experimentar sentimentos e vivências adolescentes, aprende a tirar vantagem do seu novo estado, busca conciliar sua história e transitar por ela. Experimenta-se e, aos poucos, vai se descobrindo, fazendo um uso desajeitado e lúdico do novo corpo, tornando o panda cada vez mais carismático e espontâneo mas, em alguns momentos, agressivo.

Transitando pela agressividade espontânea, exploratória, nossa protagonista curiosa e criativa se defronta com as possibilidades que a nova fase lhe ofe-

rece. Com alguns momentos de agressividade reativa (de forma furiosa) ante as intrusões maternas ou do ambiente, Mei Mei vai construindo a capacidade de regular as emoções e, de acordo com a sua subjetividade, vencendo o padrão com que vinha se relacionando, correspondendo às expectativas do outro de forma técnica e burocrática, aparentemente se submetendo a convenções, padrões e mandatos culturais e familiares sem questionar.

O encontro de Mei Lin com seu panda vai lhe proporcionando a oportunidade de realizar a experiência de “ser”... não por mandato, culpa ou obediência, mas pelo encontro com o desejo genuíno de fazer algo.

Nesse sentido, segundo Baranger, Goldstein e Goldstein (1989), as identificações podem ser estruturantes, mais ou menos mal estruturantes ou decididamente alienantes. Segundo esses autores, muitas das “alterações do ego” que Freud colocou como uma das três dimensões etiológicas subjacentes às neuroses, vêm de identificações nocivas. As desidentificações, por sua vez, ocorrem espontaneamente ao longo da vida, evidenciam-se na adolescência e também são uma das principais funções do trabalho analítico. Nesse sentido, descrevem três de suas formas essenciais: desidentificação do “objeto enlouquecedor”, desidentificação por (des)luto e desidentificação por autotomia narcísica.

Baranger, Goldstein e Goldstein (1989) afirmam que, nas histórias de identificações e desidentificações (no ego e no ideal do ego), a crise da adolescência oferece um material observacional particularmente interessante. Entre a desorganização da identidade infantil e a reorganização da personalidade adulta, o adolescente busca sua própria identidade por meio do questionamento de seus pais e suas identificações de todos os tipos (julgamentos éticos e estéticos, ideologias etc.). Nessa grande crise de identidade, as desidentificações são geralmente mais vistas do que reais, e a mais utilizada é a identificação negativa que cobre as identificações anteriores sem deslocá-las. Estas flutuam após a tempestade e convivem em paz conturbada com novas aquisições. Para Outeiral (2012), a adolescência é o momento evolutivo propício para o movimento psíquico de desidealização, que está diretamente ligada aos processos de desenvolvimento e maturação psíquica.

Ao descrever os processos e subprocessos do reordenamento das identificações na adolescência, Kancyper (2019) afirma que a desidealização gradual do objeto, do ego e do vínculo é um processo fundamental sem o qual não existe mudança psíquica ou crescimento possíveis. A prova de realidade, resultado do processo de desidentificação, resulta na reestruturação e retificação do vínculo objetual, ou seja, no processo de reordenamento identificatório.

Como nos ensina Ricardo Rodolfo (2014), abater a hierarquia vertical, desconstruir, é uma problemática adolescente, incomodar é um mal necessário, é uma atitude de esperança na busca de gerar formações mais transversais, desconstruir e reconstruir as relações hierárquicas. O adolescente é um colaborador, um “sócio” na construção dos limites. A agressividade de uma violência sem raiva (destruição alegre) é muito diferente da violência reativa, de um van-

dalismo colérico, destruição raivosa e travessura colérica, furiosa, ressentida (Rodulfo, 2014).

Baseados em algumas ideias de Ferro (2011), podemos pensar que o evitamento das emoções é uma das atividades da nossa mente, como pacientes, como analistas, como seres humanos que somos. Não podemos confundir violência, explosividade, impossibilidade de conter as emoções, com agressividade, que é uma dotação normal da espécie e nunca pode ser considerada em excesso. O que é em excesso é uma urgência dos estados *protoemocionais* que pressionam para serem recolhidos, contidos e transformados. Viver as emoções é o ponto de chegada de uma série de operações complexas.

O “despertar do instinto selvagem” da adolescência nos põe a pensar sobre a sexualidade. Falar sobre a sexualidade com um adolescente não significa apenas informar, assim como proibir e inibir não ajudam a desenvolver o aparelho de pensar (Bion, 1991) nem a integrar o corpo na sexualidade. Muitas jovens acabam evitando as experiências ou atuando as suas angústias, como se essas alternativas fossem a única saída, instintiva/impulsiva/pulsional para lidar com aquilo que vem do corpo. Pais atrapalhados com a sua própria sexualidade e com a sexualidade dos filhos pouco conseguem colaborar com o crescimento necessário nessa fase vital.

Um fenômeno enfatizado por Urribarri (2019) diz respeito à solidão do jovem púbere, que subtrai um recurso poderoso do jovem. De acordo com as ideias desse autor, muitas vezes o púbere se encontra fora de sintonia com seu grupo de pares, que não pode entendê-lo ou acompanhá-lo na situação, e, assim, perde o ambiente privilegiado em que os adolescentes processam grande parte de suas angústias e mudanças, na medida em que funciona como um espaço psíquico expandido e compartilhado, que pode conter. Ele está mergulhado na solidão, gerando experiências de ser um “caso raro”, radicalmente diferente dos outros, o que aumenta o insulto narcísico, embora como manobra defensiva ele, às vezes, tente transformá-lo em um emblema de superioridade. Também é difícil comparar e processar com ele em palavras as novas sensações e mudanças corporais. Por outro lado, a intensidade das emoções e dos afetos rompe as cadeias de sentido às quais estava ligado e contribui para o desequilíbrio do aparelho. Urribarri (2019), citando Green, sugere que: “A desorganização da cadeia é responsável pelo afeto traumático que pode paralisar ou incluir uma tendência à ação compulsiva, se não resultar em uma reação de imobilidade atordoada” (p. 3).

Quando a personagem descobriu que poderia contar com um apoio ambiental externo para lidar com os conflitos e desventuras provenientes do “surgimento do panda vermelho”, as melhores amigas e os colegas representaram um importante espaço de oportunidade para que Mei Lin pudesse enfrentar o novo e lidar com as mudanças que se impunham nesse momento de sua vida. De acordo com as ideias de Ungar (2009), a entrada na adolescência representa tanto um momento de crise como de oportunidades. O aspecto de crise faz

referência à turbulência gerada pelo dismantelamento do sistema que se constituiu durante a latência, à queda da ilusão de que os pais sabiam de tudo, ao questionamento dos modelos oferecidos e ao reinado de uma grande confusão. Também a adolescência pode ser uma importante etapa de ressignificação, elaboração e encontro com o novo.

O jovem da atualidade demonstra suas angústias diante das mudanças intensas que sofrem de diferentes formas. Alguns não conseguem se desvencilhar das tramas e conflitos infantis, ficando fixados em um funcionamento mais regressivo, em termos de mundo interno, devido à emergência dos impulsos sexuais. Desmorona-se a estrutura tão trabalhosamente construída durante o período da latência, com o uso de mecanismos obsessivos que montaram diques para conter os impulsos (Ungar, 2009).

Meltzer (1979) introduz a ideia de estados sexuais da mente, descentralizando a sexualidade de questões da conduta e dando prevalência à emocionalidade envolvida na sexualidade. Esse autor (citado por Ungar, 2009) descreve que a sexualidade infantil pode ser polimorfa (predominância da excitação e sensualidade) ou perversa (predominância da intencionalidade destrutiva); "... já a sexualidade adulta diz respeito àqueles estados mentais em que predominam a discriminação, o reconhecimento da alteridade e a identificação introjetiva inconsciente com os pais internos numa cena primária criativa" (p. 321).

Retornando a mais uma das criativas e lindas metáforas oferecidas pelo filme, o momento final, em que as melhores amigas, a banda preferida, a comunidade de fãs e diferentes gerações da família se reúnem para ajudar Mei Mei e sua família no ritual para desativar o panda, remete a um interessante fenômeno descrito e definido por Ricardo Rodulfo (1997) como "Agentes e Instâncias de subjetivação não familiares". Esse conceito figura sobre os diferentes papéis e funções que as "Instâncias de subjetivação não familiares" podem ter na estruturação subjetiva do adolescente. Esses espaços podem ser representados pela escola, amigos, meios de comunicação, outros adultos etc. Em um texto sobre adolescência, Rodulfo (1997) traz a figura das bandas e concertos de rock como um importante tipo de figura de identificação na constituição da subjetividade do jovem. Para Rodulfo, a metáfora dos concertos de rock inscreve uma nova categoria do *nós* no sentido de "ser com", ser *um* reconhecendo a alteridade do *outro*, reconhecer a diferença no encontro com o *outro como tal*. O *nós* refere-se a um processo no qual posso me diferenciar do outro sem a necessidade de me opor a ele. O *nós* implica uma diferenciação não oposicional, não é o mesmo que indiferença ou indiscriminação. Pensando sobre a "função coral" do rock, viajamos até a cena final do filme, em que todos cantam juntos, em que em um coro se conjugam em ritmos pulsionais, verbais e musicais, os corpos em uníssono. Um coro que provoca uma série de ressonâncias harmônicas e semitons, unindo diferentes gerações e experiências primitivas, mas respeitando cada um a sua cultura, o seu conhecimento e as suas escolhas, superando o desafio de encarar e se responsabilizar por aquilo que se é.

O filme se encerra em um feliz encontro representando a integração das diversas esferas e instâncias da vida de Mei Lin. Na cena final, Mei Mei e cada uma das mulheres da família se reconecta com sua essência, com sua história, com sua experiência adolescente, e decide um destino (novo, revisado, reeditado, reelaborado) para o seu *panda vermelho*, sem perder de vista as características pessoais, etárias e geracionais de cada uma.

Para seguir pensando...

Podemos dizer que as angústias enfrentadas pelo indivíduo na puberdade, fase em que os fenômenos corporais assumem um protagonismo, muitas vezes são minimizadas. Essa etapa do desenvolvimento acaba sendo considerada predominantemente biológica, ficando esquecida, como se não houvesse importância especial neste desafiador trajeto a ser percorrido na transição da latência para a adolescência propriamente dita. Mais do que subdividir burocraticamente a adolescência em partes, esta reflexão teórico-clínica pretende lançar um olhar especial sobre as particularidades desse primeiro momento da adolescência: a puberdade. Para a psicanálise, um dos principais eixos da subjetividade, da identidade, está na sexualidade, no corpo enquanto “morada” das pulsões. Este texto busca fazer mais do que um exercício de psicologia aplicada, mas uma experiência de integrar conceitos psicanalíticos a uma obra de ficção. Aproveitar essa obra como um instrumento lúdico para reflexão foi uma alternativa encontrada para buscar nomear a complexidade da experiência puberal.

O reconhecimento de si e a (re)definição da identidade podem ser considerados como as principais tarefas do adolescente. Adolescência pode ser um espaço potencial, uma transição, um *entre* necessário: entre os desafios adolescentes de transgredir, confrontar e pertencer.

Nesse fundamental processo de reordenamento identitário (Kancyper, 2019; Levy, 2022), o adolescente desacomoda antigas estruturas e mandatos familiares, as desidentificações desorganizam o *self* e ao ambiente em sua volta. Diante desse movimento complexo, a família de um adolescente sofre o impacto dessa experiência e, enquanto ambiente favorável para o desenvolvimento do jovem, também precisa se redefinir em papéis e funções. A *adultescência* dos pais pode ser um sério complicador para a adolescência dos filhos, pois o adolescente precisa da *Companhia Viva* (Alvarez, 2020) de um adulto que o ancore.

Muitas vezes, mobilizados e incomodados pela transição adolescente, os adultos se defendem banalizando a fase, negando a complexidade e desqualificando os desafios e as tarefas, categorizando como *aborrescência*. Conhecer o que é o “esperado para a fase” e poder ser continente com esses jovens é muito importante, mas precisamos ter o cuidado para não fechar significados e não estereotipar o adolescente. Massificar o processo adolescente, perdendo a

perspectiva da subjetividade, pode também ser mais um complicador. Por isso, no papel de pais, terapeutas e responsáveis, temos o compromisso de ajudar a construir essas pontes, cuidar dos nossos “equilibristas” (Horenstein, 2020), preparando o ambiente para que essa travessia seja o menos arriscada possível. Para isso, precisamos tentar estar em dia com nossas emoções e com o adolescente que fomos, para que nossos estados mentais (Meltzer, 1979) transitem, mas que nos ajudem a nos manter predominantemente adultos.

Lançando um olhar mais atento para essa primeira etapa da adolescência, que é a puberdade, tão cuidadosa, divertida e delicadamente traduzida nessa metáfora do filme *Red*, podemos nos aproximar das vicissitudes da experiência puberal. A metamorfose de Mei Mei nos ensina a empatizar com aquele ser oscilante entre o luto pela perda de um corpo infantil e os prazeres e temores da descoberta de um novo corpo.

Ungar (2009) afirma que o corpo tem uma presença contundente nessa etapa vital, e é assim que a adolescência pode ser considerada como paradigmática do enlaçamento entre corporal, psíquico e social. Em face do impacto do pulsional (reeditado e o novo), o corpo do púbere costuma ser experimentado como um *estranho*, e essa vivência exige um intenso trabalho psíquico para se (re)integrar. Todo esse processo necessita de um apoio externo inevitável. O ambiente precisa não apenas apoiar e compreender os sofrimentos, mas também compreender os códigos de cada época de cada cultura, entrelaçados com as características individuais de cada jovem, para que os desafios da transição adolescente possam se cumprir.

Desde os primeiros escritos de Freud (1905), conhecemos a importância do corpóreo no sujeito como substrato do impulsivo e sede do erótico, bem como na gênese de sua organização psíquica e também em termos de sua conexão com o narcísico e o afetivo. Para Urribarri (1999), as mudanças corporais da puberdade removem os fundamentos narcísicos da estruturação psíquica, principalmente ante a vivência de estranhamento com o próprio corpo, que deixa o jovem intensa e profundamente chocado, enquanto a ferida narcísica é produzida pela impossibilidade de controlar e processar a situação. O problema da puberdade é particularmente agudo em relação à experiência de *alienidade* das mudanças corporais. Na cultura atual, o desejo de controlar e dominar o estranhamento diante das transformações que se impõem frequentemente se reflete na busca por soluções mágicas, como, por exemplo, a busca frenética por tratamentos cosméticos, regimes e intervenções cirúrgicas, bem como comportamentos exageradamente sexualizados ou adições (Urribarri, 1999).

Para finalizar, retomo as ideias de Levy (2022): se os sujeitos recorrem aos seus objetos reais e não encontram neles uma atitude que favoreça o reordenamento simbólico, sem encontrar um olhar tranquilizador e sim um olhar que aumente a confusão, o risco de saídas narcísicas patológicas é muito grande. O corpo poderá ser superinvestido, seja pela libido, seja pela destrutividade na busca de uma afirmação narcísica; ou o objeto pode ser recusado, pois seu

reconhecimento poderá implicar a sensação de aniquilamento do *self*. Quem se lembra do panda gigante?

Fica aqui, então, o desafio para outros terapeutas seguirem lançando seus olhares atentos e cuidadosos para as Mei Lins e seus pandas vermelhos que passarão por seus caminhos e seus consultórios, não apenas aquelas que estão vivenciando sua puberdade, mas também as moças e mulheres que guardam em acessas estados mentais, memórias e registros dessa fase desafiadora. Para que os pandas vermelhos possam ser historizados, que possam vir a ser partes integradas (ou desidentificadas) da personalidade de cada uma, que nessa nova configuração subjetiva esses registros sejam menos monstruosos e assustadores, de modo que a passagem pela puberdade possa ser capacitadora para a entrada na adolescência. Fica também o convite para outros colegas que se disponham a lançar novos olhares para esse fenômeno e para essa rica e divertida obra de ficção.

Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1986). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Alvarez, A. (2020). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofreram abuso*. São Paulo: Blucher.
- Aryan, A. (2005). Contribuições à compreensão da experiência puberal. *Revista de psicanálise da SPPA*, 12(1), 101-119.
- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Baranger, W., Goldstein, N., & Goldstein, R.Z. (1989). Acerca de la desidentificación. *Revista de Psicoanálisis*, 46(6), 895-903.
- Bion, W. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Cahn, R. (1999). *O adolescente na psicanálise: a aventura da subjetivação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Cineplex Movies. (2018). *Interview: Disney-Pixar's Bao's Domee Shi Reveals Toronto Connection*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=P1Jtl8jzGw>
- Corso, D., & Corso, M. (1997). Game over: o adolescente enquanto *unheimlich* para os pais. In Associação psicanalítica de Porto Alegre, *Adolescência: entre o passado e o futuro* (pp. 81-95). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1980a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 7, pp. 129-250). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1980b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 89-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1980a). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 17, pp. 275-314). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1919)

- Horenstein, M. (2020). *Funambulistas: travesía adolescente y riesgo*. Córdoba: Viento de Fondo.
- Jeammet, P. (2007). *Resposta a 100 questões sobre a adolescência*. Petrópolis: Vozes.
- Kancyper, L. (2019). *O complexo fraterno: estudo psicanalítico*. São Paulo: Blucher.
- Levy, R. (2022). *A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Meltzer, D. (1979). *Os estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nasio, J.-D. (2011). *Como agir com um adolescente difícil? Um livro para pais e profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Outeiral, J. O. (2012). *Atendimento psicanalítico de adolescentes, série prática clínica*. São Paulo: Zagodoni.
- Rodulfo, R. (1997). Um novo ato psíquico: a inscrição ou a escrita do nós na adolescência. In Associação psicanalítica de Porto Alegre, *Adolescência: entre o passado e o futuro* (pp. 271-280). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Rodulfo, R. (2014). Intervenções do psicanalista nas situações de violência na adolescência. *Publicação CEAPIA*, 23, 9-19.
- Shi, D. (Diretora). (2022). *Turning Red*. Recuperado de <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/red-crescer-e-uma-fera/4mFPCXJi7N2m>
- Ungar, V. (2004). O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38, 271-284.
- Urribarri, R. (1999). Notas sobre pubertad, traumatismo y respresentación. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 90, 132-144.
- Winnicott, D. W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1988). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.